

NOTICIÁRIO ATUALIZADO
www.jn.pt/sociedadeMAIS LIDA
Voluntários com malas sempre feitas

S O C I E D A D E EVIDA

400
euros
em média
cada renda

Sem-abrigo já estão em casa

Prioridade é dada a quem se encontra há mais anos na rua e é portador de doença mental

ALEXANDRA MARQUES
alexandra.marques@jn.pt

Até Agosto, o projecto "Casas Primeiro" vai colocar 50 pessoas que vivem nas ruas de Lisboa em apartamentos, para poderem recomeçar. As primeiras 20 instalaram-se durante este mês na sua nova casa. O mesmo programa está a ser aplicado no Canadá e nos EUA.

Dos 20 pioneiros do projecto "Casas Primeiro", em Portugal – que nesta primeira fase, até ao fim de Janeiro, transitaram para uma casa onde ficam a viver sozinhos – apenas existem cinco mulheres.

"Embora tenham prioridade, há menos mulheres a viver na rua e também há mais homens com doenças do foro mental", explica ao JN José Ornelas, da Associação para o Estudo e Integração Psi-

cossocial (AEIPS). "Têm, em média, 45 anos e todos os que foram identificados nesta primeira fase vivem na rua – não vêm de abrigos ou de outras instituições – há mais de três anos", adianta o coordenador do projecto. "Há quem viva há oito ou nove anos seguidos na rua, com curtos períodos de intermanento, que se podem considerar pontuais", acrescenta.

A novidade do projecto – iniciado em Setembro – reside no facto de, em oito meses, 50 sem-abrigo com doença mental poderão sair da rua para um apartamento. Mais 20 passarão pelo mesmo processo até Abril e outros 10 até ao final de Agosto.

"Têm prioridade quem está há mais tempo na rua e tem algum

Contextualização

CANADÁ TEM CINCO PROJECTOS

O Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) está a seguir o mesmo modelo e mantém-se em coordenação com uma Universidade dos EUA e outra do Canadá, onde o "Housing First" está a ser feito em cinco cidades em simultâneo.

AValiação TRIMESTRAL

De três em três meses, desde Setembro de 2009 até Agosto de 2010, o ISPA faz uma avaliação do projecto cujos resultados são comunicados ao Instituto de Segurança Social (ISS), entidade com a qual assinou o protocolo de colaboração "Casas Primeiro", em Maio de 2009.

VISITAS REGULARES

O projecto prevê um acompanhamento em contexto residencial e comunitário com 80% de visitas domiciliárias, correspondendo a um mínimo de seis vezes por mês.

UM TÉCNICO PARA 10 RESIDENTES

As equipas da AEIPS encontram-se divididas por zonas geográficas da cidade, na proporção de um técnico para cada grupo de dez residentes.

COMPARAÇÃO DE RESULTADOS

Após terminar, em Agosto, o projecto será avaliado, sendo as conclusões comparadas com as alcançadas pelas universidades estrangeiras.

tipo de doença mental", refere o docente do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Depois de "identificadas pelas equipas de rua da câmara municipal, da Misericórdia e de outras organizações", os 20 primeiros residentes visitaram as casas. Uns mudaram-se no final de 2009.

As casas arrendadas situam-se em bairros antigos de Lisboa, têm uma ou duas assoalhadas, cozinha e casa de banho, e não estão perto umas das outras.

Após instalação do residente, começa então o trabalho de autonomização em contexto habitacional, com a ajuda de um dos cinco técnicos da equipa da AEIPS, com formação na área social.

Como todos os residentes re-

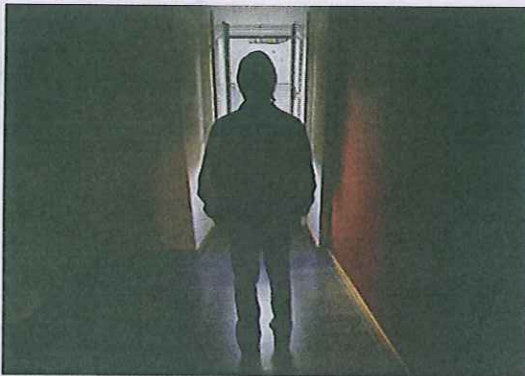
REPORTAGEM

ALEXANDRA MARQUES
alexandra.marques@jn.pt

Aos 55 anos e após 14 meses a viver na rua, José (nome fictício) voltou a ter uma casa: uma única divisão com uma cama – que também faz de sofá –, um roupeiro, uma televisão das mais pequenas, ao fundo uma kitchnete e ao lado a casa de banho. Uma preciosidade para quem diz que o que lhe metia mais nojo quando estava na rua era ter de se lavar num balneário público onde os utentes em vez de defecarem nas retretes, o faziam nos chuveiros.

Deixou Portugal com seis anos de idade e regressou aos 27, em 1981, depois de ter vivido em Moçambique e na África do Sul. Era director comercial e confessa ter tido “várias vidas organizadas”.

O problema era recorrente e consistia na mudança constante de parceira. Quando chegava à ruptura da relação, “abandonava tudo”. Mudava de emprego, para se afastar dos amigos comuns e dos locais que frequentavam. “E recomeçava tudo de novo. Só que isso é muito engraçado enquanto se é novo”.



José vive desde Novembro no seu apartamento onde também faz as suas refeições

“Posso voltar a tentar fazer a minha vida”

Há 18 meses (em Abril de 2008) a situação repetiu-se. Saiu de casa e enquanto teve algum dinheiro dormiu em residenciais. Como trabalhava por conta própria na garagem da moradia onde vivia – a restaurar automóveis antigos –, não tinha qualquer rendimento.

Em Setembro, já dormia na rua. “Nas primeiras noites dormi nas urgências do Hospital de Santa Maria e passei fome porque não pedia nada a ninguém. Se ‘cravei’ cigarros a quatro pessoas durante todo o tempo que estive na rua, foi muito”, refere.

Diz que “os sem-abrigo são mauzinhos uns para os outros”, porque andou de chinelos e t-shirt com frio, e ninguém lhe disse que nalgumas igrejas dão roupa. Meses mais tarde, soube das horas e dos locais onde, à noite, paravam as carrinhas que distribuem sopa e agasalhos.

Foi contactado a primeira vez por duas técnicas da câmara que lhe deram um cartão e lhe falaram

Uma ruptura afectiva atirou-o para a rua onde esteve 14 meses até lhe proporem viver sozinho

de um projecto novo que não era para ficar em albergues, algo que se recusava terminantemente.

Depois apareceram os técnicos da AEIPS (ler texto principal) que o abordaram. “Tenho o meu espaço, o meu sítio, posso voltar a tentar fazer a minha vida, sem estar sujeito a regras ou obrigações ou ter de andar em bando, foi disso que gostei”. Além de que conhecia programas em que ao fim de uns meses se voltava à rua e este era diferente. “E nem que fosse só um quatinho, era melhor do que estar na rua”, sublinha. ■

REPORTAGEM

ALEXANDRA MARQUES
alexandra.marques@jn.pt

cebem uma pensão do Estado ou o Rendimento Social de Inserção (RSI), têm de contribuir com 30% do rendimento mensal para pagar a renda, a água e a electricidade.

A renda mais elevada é de 500 euros por um T1, sendo a maioria T0 arrendados a 350 euros.

O programa conta ainda com um fundo especial para a compra de equipamentos como fogões, ou esquentadores e frigoríficos, apesar de muitas casas já terem alguns móveis e electrodomésticos.

Além da percentagem para as despesas, o contrato refere que aceitam ser visitados por um dos técnicos, “pelo menos seis vezes por mês”, aponta José Ornelas.

Estas visitas servem para gerir as necessidades individuais – para explicar o que fazer para tirar ou renovar o Bilhete de Identidade ou onde fazer um “check-up”.

Mas também são úteis para perceber se o residente precisa no dia-a-dia de apoio adicional, seja a nível domiciliário, de natureza médica – que possa ser prestado por outra instituição – ou apenas de recorrer à junta local. ■

António (nome fictício) tem 55 anos, é um dos membros da equipa da AEIPS e também ele ex-sem-abrigo, já que viveu na rua mais de oito anos. Em criança viveu em Diu e em Moçambique. “Vivi alguns anos em Itália e em França e gastei alguns anos da minha vida a vadiar pela Europa”, diz, antes de enfatizar que é “um homem da geração do Maio de 68 e do 25 de Abril”.

Oriundo de uma família com algumas posses dos arredores de Lisboa, o dinheiro que tinha gastava-o em livros comprados em alfarrabistas ou a viajar. Só não conhece a Grã-Bretanha, assinala.

Até que em 1998, depois de uma viagem à Grécia, encontrou uma situação familiar “complexa”. A mãe estava gravemente doente, “havia alguma crispação familiar” e decidiu sair de casa. Diz agora que a rua lhe propiciou uma experiência importante e que teve “a felicidade de a viver perto de uma comunidade cigana”, que ajudou muito.

“Eles foram a minha família psi-



António foi convidado pela AEIPS para integrar a equipa de apoio aos sem-abrigo

A licenciatura depois de oito anos na rua

cológica, a família que não tive”, relata. “Quantas e quantas vezes almocei e jantei com eles, à volta de uma fogueira e sob as estrelas”, recorda, comparando a cena à dos “westerns” americanos em que os cowboys também o fazem.

“Passava os meus dias a proctu-

rar comida ou beatas para fumar” e trabalhou como trolha e a fazer baldes de massa em obras.

“Recebia uma pequena verba de uma das minhas irmãs e assim conseguia esticar o dinheiro”, conta, realçando que o mais difícil terá sido o sono. “Na primeira noi-

te dormi debaixo de uma árvore com uns cartões por cima em V”.

Os amigos ciganos ensinaram-no depois a construir uma barraca com tábuas e plásticos, mas custou-lhe a habituar-se aos ratos do campos e às cobras que lhe passavam por cima.

Tirava boa comida dos caixotes do lixo dos restaurantes e a falta de higiene dos contentores não era propriamente um problema.

Viveu numa barraca com ratos e cobras e comia dos caixotes, mas agora quer chegar ao mestrado

Há cerca de cinco anos o irmão falou-lhe da AEIPS, ao mesmo tempo a família comprou-lhe uma casa e passou a ir à Associação. Há seis meses foi convidado a integrar a equipa do “Casas Primeiro”, depois de ter formação. “Aceitei, passei a receber 240 euros de subsídio e tornou-se o meu trabalho”.

Ao sentir-se realizado, a motivação levou-o a inscrever-se na licenciatura de desenvolvimento comunitário, terminou agora o primeiro semestre, só com uma cadeira em atraso e após a conclusão quer tirar o mestrado. ■

50
residentes
até ao final
de Agosto

30%
do rendimento
mensal contribui
para despesas
da casa